

A última fita de François Truffaut, 8 abr. 1962

Wladimir Herzog, Enviado especial
O Estado de S. Paulo, 8 abr. 1962

MAR DEL PLATA, março – Confessamos, antes de mais nada., que *Jules et Jim* nos desconcertou. Não sabemos até que ponto este filme de François Truffaut não nos foi assimilável em sua totalidade por deficiências próprias ou por incapacidade nossa. De qualquer modo, é um dos filmes mais importantes, senão o mais significativo da obra do autor de *Les 400 coups*. Presente na sala de exibições de Mar del Plata, Truffaut teve de contentar-se com os aplausos mais frios até agora ouvidos no Festival. Ele próprio, entretanto, teria oportunidade de declarar, pouco depois, que não se surpreendia pelo fato.

Transcrevemos o ponto de vista do próprio autor, que baseou o filme numa novela de Henri Roche: “Partindo de uma situação escabrosa – dois homens e uma mulher vivendo juntos durante uma longa parte de suas existências – pretendi fazer um filme sobre o amor na sua forma mais pura possível, isto graças à inocência dos três personagens, sua integridade moral, sua ternura e sobre o seu pudor e graças também à força da amizade que existia entre os dois personagens masculinos. A heroína, Catherine, é um caráter fantasioso, tirânico, apaixonado e amante do absoluto, de modo que tudo se lhe pode perdoar, como a Scarlett O’Hara de *...E o vento levou*. O “tom” do filme – que poderá evocar a célebre *Serenata para três* de Ernest Lubitsch – será o de *Les 400 coups*, uma história contada em meias-tintas, triste em sua linha, mas cômica em seus pormenores. “Se sair bem, constituir-se-á num hino ao amor e, mais ainda, num hino à vida.”

Não duvidamos que *Jules et Jim* seja um hino ao amor. Amor entendido como uma relação digna, despojada de toda a legenda de pieguice, romanticismo e falsa sentimentalidade que o situou na esfera egocêntrico-exclusivista das existências. Jules (Oscar Verner) e Jim (Henri Serri) são capazes de amar Catherine (Jeanne Moreau) com a mesma nobreza em que é mantida a amizade de ser humano para outro que ambos se dedicam. A mulher que ambos amarão, justificada de alguma maneira essa coincidência de ser objeto de suas afeições, pois personifica o ideal de ambos, antes identificado no sorriso de uma estátua. Jules casa com Catherine. Tem uma filha, porém o amor entre os dois fenece. Fenecerá também a relação de Catherine com Jim, pois da ligação não pode ser concebido um filho. Jules espera. Jim decide casar-se com uma de suas amantes. Catherine finge conformar-se mas, com um ardil, lança-se junto com Jim ao Sena, dentro de um automóvel, sob os olhos de Jules. Caberá a este apenas providenciar a incineração dos corpos. Em forma documentária, a macabra operação é então mostrada em todas as suas fases. Os corpos de Catherine e de Jim entram na fornalha. Depois, os ossos são triturados um a um. Os dois amantes, reduzidos a proporções e cinzas, são guardados zelosamente em suas urnas. Jules deixará o cemitério, acompanhado pela filha.

“O casal ideal nem sempre é a dois” – diz Jim a certa altura do filme. Não sabemos se a demonstração dessa premissa leva a algo conclusivo. Em se tratando do cinema francês, pensamos que seus criadores teriam problemas bem mais urgentes com os quais se preocupar.

HERZOG, Vladimir. “A última fita de François Truffaut”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 abr. 1962, p. 17, c. 1.